

## A invenção do pedagógico na 6ª Bienal do Mercosul

Betina S. Guedes

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**Resumo:** O presente artigo é um recorte de uma pesquisa maior que objetiva problematizar o projeto pedagógico da Bienal do Mercosul e principalmente, suas ações voltadas aos professores. Esse momento de elaboração da pesquisa, que está em fase inicial, encontra-se focado na retomada histórica da Bienal do Mercosul, mais especificamente, na análise da 6ª edição do evento. Esse recorte temporal justifica-se pela centralidade que o pedagógico adquiriu, a partir da instituição da curadoria pedagógica na Bienal. Neste artigo, partindo da análise das publicações produzidas pela Fundação Bienal do Mercosul para a 6ª Bienal, objetiva-se conhecer e problematizar os usos que o termo “pedagógico” adquire, e que atuam na sua própria invenção nesse contexto. Pautado em um referencial pós-estruturalista com inspiração nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault, o termo indicado foi metodologicamente mapeado, possibilitando olhá-lo como uma construção discursiva que adquire sentidos próprios de acordo com seus usos. Com base nas recorrências mapeadas nos materiais, concluiu-se que há três elementos produzindo o pedagógico na Bienal do Mercosul, a saber: relação entre o artista e o público, relação entre a obra e o espectador e a comunicação. Nesse sentido, o pedagógico é inventado como possibilidade de articulação e de aproximação da arte com o público, ao subsidiar um processo de comunicação que metaforicamente pode estar situado na terceira margem do rio.

**Palavras-chave:** Bienal do Mercosul; pedagógico; enunciado.

### Uma bienal pedagógica

A Bienal do Mercosul é, sem dúvida, diferente em seu modelo das outras bienais existentes no mundo.

[...] Um considerável aporte de recursos, tanto humanos como financeiros, é investido em **projetos educativos** para cada uma das exposições da Bienal do Mercosul. O **projeto pedagógico** da Bienal do Mercosul começa em sala de aula, [...] com desdobramentos durante todo o evento.<sup>1</sup>

Desde 1997, a cada dois anos uma nova Bienal do Mercosul é concebida, e em meio a diferentes contextos políticos e econômicos, metamorfoseia-se, adquirindo diferentes composições e ênfases a cada edição. Desde a primeira edição da Bienal, um considerável aporte de recursos, foi destinado aos projetos educativos. Cada uma das curadorias pensou seu próprio projeto pedagógico e os desdobramentos destes durante o evento, abrangendo desde a formação de monitores/mediadores, até seminários para o público especializado, professores e demais interessados (FIDELIS, 2005).

No decorrer das oito edições da Bienal houve dois momentos fundamentais para a consolidação do projeto pedagógico como elemento permanente na

---

<sup>1</sup> Excerto retirado do site da Fundação Bienal do Mercosul. Disponível em: <http://bienalmercosul.org.br/>. Consulta em: 23/07/12.

Fundação Bienal do Mercosul. O primeiro deles ocorreu na 4ª Bienal, em 2003. De acordo com Hoff (2011, p.115) “essa edição foi responsável por garantir um lócus para a educação dentro do evento”, assegurando “a existência dos projetos pedagógicos das bienais seguintes”.

O segundo momento de ruptura ocorreu entre 2006 e 2007 na 6ª Bienal, que ficou conhecida como a “Bienal Pedagógica”. Nesta edição foi instituída a função do curador pedagógico, primeiramente assumida pelo artista uruguaio Luis Camnitzer.

Hoff (2011, p.114) salienta que mesmo havendo projetos pedagógicos desde 1997 (1ª Bienal do Mercosul), não havia “uma reflexão maior sobre o que se estava produzindo e as reais necessidades da comunidade local”. Essa forma de conceber o projeto pedagógico principalmente, das três primeiras edições da Bienal, não colocavam-no como algo inerente ao processo de elaboração da mostra, mas como algo, talvez, complementar. No projeto curatorial da 6ª Bienal, Pérez-Barreiro, assinala que a inovação do projeto pedagógico desenvolvido por Camnitzer encontra-se não só na filosofia adotada, mas também na antecipação dos processos, posto que a “educação tinha sido tradicionalmente um dos últimos programas a serem desenvolvidos, agora é o primeiro<sup>2</sup>”.

Mas que usos que o pedagógico adquire nesse contexto? Como o pedagógico é inventado na 6ª Bienal do Mercosul?

Como professora da área da Educação, mas também vinculada às Artes, sinto-me provocada a pensar sobre essa relação que se coloca entre o pedagógico e a Bienal do Mercosul, por estar imersa em um contexto universitário de formação de professores em que o pedagógico adquire significações bem específicas. Daí advém meu interesse de análise que embasa a elaboração desse artigo, no qual objetivo conhecer e problematizar quais são os usos que o termo “pedagógico” adquire, e que atuam discursivamente na sua própria invenção no contexto da Bienal do Mercosul. Pautada em um referencial pós-estruturalista com inspiração nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault, utilizei os seguintes materiais de análise para desenvolver a problematização proposta: material pedagógico da 6ª

---

<sup>2</sup> Projeto Curatorial – 6ª Bienal do Mercosul: a terceira margem do rio. Disponível em: [http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com\\_content&id=1255&task=view&Itemid=184](http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com_content&id=1255&task=view&Itemid=184). Consulta em: 26/07/12.

Bienal, o livro Educação para a arte/Arte para a educação<sup>3</sup>, o Relatório de Responsabilidade Social<sup>4</sup> da 6ª Bienal do Mercosul, Material Pedagógico 2008 (Projeto Conexão Bienal – Ações Permanentes) e o Projeto Curatorial da 6ª Bienal: a terceira margem do rio<sup>5</sup>.

Ao olhar para essas matérias não procurei verdades, nem formas definitivas de conceituar o pedagógico para a Bienal do Mercosul, vinculando tal contexto a uma configuração de realidade última. Indo em outra direção metodológica, busquei nesses materiais recorrências que me permitissem “rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados” (DELEUZE, 2006, p.61), entendendo a linguagem na sua condição dinâmica e produtiva.

De acordo com Wittgenstein (1979), mais tarde Foucault (1992), entre outros, podemos “afirmar que não existe uma linguagem perfeita que possa dar conta das coisas que descreve, mas existe uma linguagem viva, dinâmica capaz de criar aquilo que descreve” (LOPES; GUEDES, 2010, p.5), capaz de criar verdades, sujeitos e realidades sempre inacabados.

Ao teorizar sobre as nossas relações com a verdade, Foucault (1994) afirma que a verdade é coisa deste mundo. Sendo assim, não me cabe olhar para os enunciados que consigo ver nos materiais, buscando se estes conformam uma verdade ou não sobre o pedagógico na Bienal, mas me interessa saber razões possíveis que podem estar contribuindo para que combinações enunciativas gerem verdades sobre esse termo nesse contexto.

Se as coisas só passam a existir a partir do momento em que as interpretamos (DELEUZE, 2006), passo agora a apresentar o que se mostrou significativo ao meu olhar nos materiais, que ao serem produzidos pela minha interpretação, passaram de alguma forma a existir nesse contexto de pesquisa.

## **O pedagógico na bienal ou a invenção da terceira margem**

---

<sup>3</sup> Publicação composta por uma compilação dos temas apresentados no Simpósio Internacional Terceira Margem do Projeto Pedagógico realizado durante a 6ª Bienal do Mercosul.

<sup>4</sup> Disponível em:

[http://www.bienalmercosul.org.br/novo/arquivos/publicacao/pdf/Relatorio\\_Resp\\_Social\\_6Bienal.pdf](http://www.bienalmercosul.org.br/novo/arquivos/publicacao/pdf/Relatorio_Resp_Social_6Bienal.pdf).  
Consulta em 12/04/12.

<sup>5</sup> Projeto Curatorial – 6ª Bienal do Mercosul: a terceira margem do rio. Disponível em: [http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com\\_content&id=1255&task=view&Itemid=184](http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com_content&id=1255&task=view&Itemid=184). Consulta em: 26/07/12.

Agora quero trazer a discussão da metáfora da 3ª margem do rio, a metáfora central da 6ª Bienal do Mercosul. [...] Essa metáfora, para mim, indica várias coisas: por uma parte, fala da capacidade de o pensamento crítico criar uma terceira alternativa onde antes existiam apenas duas. Quer dizer, se o mundo sempre gera oposições binárias: bem/mal, esquerda/direita, social/formal etc., o pensamento crítico vem para criar um terceiro lugar sem aceitar essa lógica reducionista (PÉREZ-BARREIRO, 2009, p.108).

Olhar para a forma binária de conceber o mundo que a Modernidade naturalizou e questionar as formas de vida produzidas entre dois pólos entendidos como únicos, é abrir a possibilidade de vidas outras e de formas de interpretá-las. Com essas lentes da Modernidade aprendemos, por exemplo, a ver a escola como uma instituição consolidada e com uma função bem definida (e pouco questionada): formar um determinado tipo de sujeito, para um determinado tipo de sociedade. A escola, entendida como uma maquinaria (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992), opera com base em uma formação complexa de engrenagens, operando com tecnologias capazes de disciplinar e produzir verdades sobre os sujeitos que por ela passam. Uma maquinaria a serviço da ordem, que disciplina, homogeniza, normaliza, produzindo (pedagogicamente) corpos dóceis e úteis para a sociedade. Nesse contexto não há lugar para a diferença, para a ambivalência ou para a “terceira margem”. Talvez aí esteja a conformação da grade de inteligibilidade que me faz olhar para a Bienal do Mercosul com certo incômodo em relação aos usos do “pedagógico” nesse contexto.

Saliento que colocar algo sob suspeita não é o mesmo que negar, desqualificar ou invalidar o que está sob o nosso olhar analítico, mas trata-se de olhar mais de perto o que de alguma forma nos desacomoda e problematizar. Trata-se, assim, de uma atitude hipercrítica, pautada em uma permanente reflexão e desconfiança radical frente ao que se constitui como verdade (VEIGA-NETO, 1996).

Seguindo a esteira desse posicionamento teórico, trago a seguir um breve apanhado dos excertos que utilizei no empreendimento analítico realizado.

O **Projeto Pedagógico** da 6ª Bienal do Mercosul enfatiza a obra de arte como catalisadora de pensamento crítico. Neste aspecto representa uma inversão das práticas convencionais realizadas pela maioria dos museus e instituições culturais, nas quais se supõe o visitante como sendo carente de conteúdo e capacidade, enquanto a instituição assume o papel de transmissor todo-conhecedor. No centro do nosso **Projeto Pedagógico** está a convicção de que uma obra de arte, sobretudo contemporânea, representa um potencial de comunicação entre o artista e o público (PÉREZ-BARREIRO, 2007, s/p).

O fato é que é necessário introduzir a arte na educação como uma **metodologia pedagógica** e como uma metodologia para adquirir conhecimentos. O fato é que é necessário introduzir **noções pedagógicas** na arte para afinar o rigor da criação e para melhorar a comunicação com o público ao qual o artista quer se dirigir (CAMNITZER, 2009, p.20).

O **programa pedagógico** é baseado num modelo de conversação para construir um significado. Neste sentido, ele também tenta criar uma terceira margem entre as intenções expressas na obra de arte e o conteúdo trazido para o trabalho pelo espectador. Esta “terceira margem”, dependente do trabalho e do espectador, é onde o significado e o conteúdo são gerados (PÉREZ-BARREIRO – projeto curatorial, s/p).

Para nós, a Bienal, apesar de seu nome, não é uma exposição que ressuscita a cada dois anos, é uma instituição viva e contínua que, dedicada à educação da arte, funciona permanentemente. Dentro das suas muitas atividades, a cada dois anos também continuará organizando uma mostra, mas como parte de sua **pesquisa pedagógica** (CAMNITZER, 2009, p.15).

Com base nas recorrências mapeadas nos materiais coloquei no centro do movimento analítico três elementos que vejo constituindo a Bienal pedagógica: relação entre o artista e o público, relação entre a obra e o espectador e a comunicação.

De acordo com Camnitzer (2009, p.14), as cinco primeiras Bienais seguiram o mesmo modelo de todas as bienais tradicionais, trazendo como um adendo do projeto curatorial a “intenção de ampliar e educar o público o máximo possível em termos de apreciação da arte”. Partindo desse entendimento, Camnitzer, salienta que a 6ª Bienal operou um câmbio de premissas, pois mais “do que focalizar a obra mesma, se propôs começar um processo que permitisse uma maior interatividade com o público” (2009, p.15). O público, antes entendido como receptor de informações, passa a ser visto como um dos elementos centrais, como produtor apto (e convidado) a estabelecer diferentes relações com as obras expostas e com a proposta de cada Bienal.

Esse deslocamento produzido em relação ao público se deu com a ênfase no pedagógico assumida pela Bienal. O pedagógico é posto nesse contexto como o elemento que articula o público com os artistas e, da mesma forma, o público com as obras, produzindo diferentes possibilidades de comunicação entre ambos. O pedagógico é inventado aí como um catalizador de conversas, como mobilizador de estratégias que convidem o público a fazer parte desse diálogo. Dessa forma, a arte não é posta como a materialidade da obra, mas como comunicação, porque sua potência é posta na construção de sentidos que o diálogo interpretativo com o

expectador pode produzir, e é exatamente essa relação que a ênfase pedagógica da 6ª Bienal passa a instigar.

Loponte (2005) alerta que ao ser pedagogizada, a arte perde o seu caráter transgressor, e nesse sentido, a relação estabelecida pela Bienal com o pedagógico soava extremamente dissonante aos meus ouvidos, pois o termo traz consigo a intencionalidade pedagógica, o planejamento, a previsão do lugar de chegada, capturando a experiência enquanto devir. Mas ao analisar os materiais selecionados e procurar neles os usos dados a esse termo no contexto pesquisado, percebi que o pedagógico adquiriu outras significações na Bienal do Mercosul, vinculadas ao estabelecimento de relação, interação e comunicação com o público. Considerando-se que as palavras adquirem significação com base nos usos que delas são feitos, permito-me apontar que a Bienal, ao apropriar-se do pedagógico, inventa-o como foco primeiro, como parte, elemento vivo, potência. O pedagógico é posto como possibilidade de articulação do novo entre obra e público, subsidiando um processo de comunicação que pode se dar, quem sabe, na terceira margem.

A terceira margem é onde podemos pensar a comunicação entre público e artista. Se pensamos na imagem de alguém olhando uma obra de arte qualquer, o que está acontecendo? Onde está o conteúdo? Acredito que não está nem na obra de arte, que precisa do espectador, nem no espectador, que precisa da obra de arte. Na realidade, é no espaço entre os dois que a comunicação é gerada, nesse espaço aparentemente vazio. A obra é uma margem, e o espectador outra. Os dois precisam ser valorizados para criar a possibilidade da terceira, uma margem que é temporária, ativa, crítica, e por isso, profundamente pedagógica (PÉREZ-BARREIRO, 2009, p.109).

Utilizo a metáfora da terceira margem para finalizar (provisoriamente) esse texto, por entender que o encontro entre o pedagógico e a Bienal do Mercosul pode ser extremamente produtivo, desde que possibilite não só a invenção de uma terceira, mas de infinitas margens, sempre temporárias, ativas e potentes.

## Referências

CAMNITZER, Luis. Introdução. In: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luis (orgs.). *Educação para a arte/Arte para a educação*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p.13-28.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FIDELIS, Gaudêncio. *Uma história concisa da Bienal do Mercosul*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOOFF, Mônica. Curadoria pedagógica, metodologias artísticas, formação e permanência: a virada educativa da Bienal do Mercosul In: HELGUERA, Pablo; HOFF, Mônica (orgs.). *Pedagogia no campo expandido*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. p.113-123.

LOPES, Maura Corcini; GUEDES, Betina Silva. A maquinaria escolar: discursos que inventam verdades sobre os alunos surdos. In: Reunião anual da ANPED, 31, 2008. *Anais*. Caxambu: ANPED, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT15-4776--Int.pdf>. Consulta em 15/05/12.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente. In: Reunião anual da ANPED, 28, 2005. *Anais*. Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>>. Consulta em: 18/06/12.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. Público para a arte/Arte para o público. In: PÉREZ-BARREIRO, Gabriel; CAMNITZER, Luis (orgs.). *Educação para a arte/Arte para a educação*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p.104-109.

PÉREZ-BARREIRO. Material pedagógico – 6ª Bienal do Mercosul. *Projeto pedagógico para o professor*. Fundação Bienal do Mercosul, 2007.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. *Projeto Curatorial – 6ª Bienal do Mercosul: a terceira margem do rio*. Disponível em: [http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com\\_content&id=1255&task=view&Itemid=184](http://www.bienalmercosul.org.br/novo//index.php?option=com_content&id=1255&task=view&Itemid=184). Consulta em: 26/07/12.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. *A maquinaria escolar*. Teoria & Educação. Porto Alegre, n 6, 1992. p.225-246.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. In: GONDRA, José. KOHAN, Walter. (Orgs). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.79-92.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In: COSTA, Marisa C.V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p.19-35.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. In: *Os pensadores: Wittgenstein*. São Paulo: Abril Cultural e Industrial, 1979.